Os Últimos passos de um Vencedor: o olhar do narrador sobre a vida de José Alencar[1]

Jadnaelsonda Silva SOUZA[2]
Mariana Ramos da SILVA[3]
Márcia Guena dos SANTOS[4]
Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro-BA

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo analisar o foco narrativo do livro Os últimos passos de um vencedor, escrito por José Roberto Burnier. O livro- reportagem narra à história da vida e luta contra o câncer do empresário e ex- vice- presidente da República, José Alencar. O livro, lançado em 2011, é um relato íntimo dos cinco anos de convivência que o jornalista manteve com Alencar, enquanto cobria a luta do político contra a doença. O objetivo central do trabalho é analisar o foco narrativo, para isso foram utilizados os estudos de Gancho (2006) e Chiappini (1985), que auxiliaram quanto à temática narrativa. O artigo também apresenta uma breve discussão sobre o jornalismo literário, para tanto lança-se mão dos estudos de Lima (2009) e Pessa (2009).

PALAVRAS-CHAVE: Foco Narrativo; Novo Jornalismo; José Roberto Burnier; Narrativa;

INTRODUÇÃO

A rotina jornalística é muito difícil. Além de o jornalista ter a dura tarefa de acompanhar os fatos do dia-a-dia, apurar as informações e interpretá-las para a audiência, ainda precisa conviver com diversos elementos que a torna mais complicada como, por exemplo, os constrangimentos organizacionais pontuados na Teoria Organizacional proposta por Warren Breed (*apud* TRAQUINA, 2004, p.152).

---

[1]Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 12 a 14 de junho de 2013.

[2] Graduado do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios daUniversidade do Estado da Bahia (UNEB), email:jadnaelson@hotmail.com.

[3]Estudante do 4º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), email: mari.mrs.ramos2@gmail.com.

[4] Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo em Multimeios da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), email: marciaguena@gmail.com.

Além disso, existem fatos que, jornalisticamente falando, são difíceis de serem cobertos. A morte é um deles, por ser um momento onde a família e os amigos do morto estão emocionalmente abalados. Nessa hora, o jornalista precisa atuar para levar as informações sobre o acontecimento (caso seja de interesse público) à audiência.

E a cobertura se torna ainda mais complicada quando a morte é de alguém próximo ao profissional, que terá a obrigação de dominar seus sentimentos para que o material produzido cumpra sua função jornalística. Em "Os últimos passos de um vencedor" (2011), José Roberto Burnier dá um relato emocionante de como foi para ele noticiar a morte do ex-vice-presidente da República, José Alencar, de quem, graças à atividade como jornalista, ficou muito próximo:

> Tinha que me preparar para entrar ao vivo no *Jornal Hoje*. Mas do que isso, tinha que me controlar [...] Lá fora, junto com meus colegas da TV Globo, meus olhos estavam marejados. [...] O normal seria eu comemorar ao final do plantão, mas pela primeira vez o feito jornalístico deu lugar à tristeza. (P. 23 e 26)

Com uma narrativa leve e envolvente, o livro-reportagem escrito pelo jornalista José Roberto Burnier conta a história de José Alencar Gomes da Silva, mineiro de Muriaé, pequeno empresário que depois se tornou dono de uma das maiores indústrias têxtil do Brasil e foi vice-presidente da República nos dois governos de Luiz Inácio Lula da Silva.

"Os últimos passos de um vencedor" pode ser classificado como uma variante do livro-reportagem-perfil (LIMA, 2004, p. 46): o livro-reportagem-biografia, que evidencia o lado humano de um personagem público ou anônimo, focando mais em seu passado e menos no presente. Segundo Andretta (VER ANO), na biografia,

> o processo de representação do real também é perseguido por tal gênero, que, a rigor, se concentra em um personagem específico e contextualiza sua vida, seus amigos, inimigos, grupos que frequentava, enfim, tudo o que possa servir de material para mapear a vida de um determinado biografado. (p.3)

O livro é um relato íntimo e profundo feito pelo jornalista da TV Globo, José Roberto Burnier, sobre a vida de "Zezé", como era conhecido entre os amigos e familiares de José Alencar. Com mais de 30 anos de carreira, Burnier cobriu importantes casos ocorridos no

Brasil, como o assassinato do casal Richthofen, o massacre do Carandiru e as quedas dos dois aviões da TAM.

No exterior, o repórter foi responsável pela cobertura da passagem do furacão por El Salvador e a ocupação da embaixada brasileira em Honduras pelo então presidente deposto, Manuel Zelaya. Durante os últimos cinco anos de vida de José Alencar, Burnier foi o jornalista responsável pela cobertura da luta do vice-presidente contra o câncer que o mataria.

Neste artigo será analisado o foco narrativo utilizado pelo autor para a construção do livro, ou seja, como José Roberto Burnier se coloca perante a história para contá-la. Para tanto, serão utilizados os estudos de Gancho (2006), sobre como analisar narrativas, e Brait (2002), que reflete sobre como o foco narrativo determina a construção dos personagens. Será brevemente discutido também o jornalismo literário, utilizando os estudos de Lima (2009) e Pessa (2009).

HISTÓRIA DE JOSÉ ALENCAR

O ex-vice-presidente, José Alencar Gomes da Silva, nasceu em 1931 e viveu boa parte de sua vida em Minas Gerais, no distrito de Vermelho, em Muriaé. Alencar estudou em casa e começou a trabalhar ajudando a fazer as contas da loja do pai. Quando tinha quatorze, seu irmão mais velho conseguiu um emprego para ele como balconista de uma loja de tecidos de Muriaé, “A Sedutora”. Foi quando José Alencar saiu de casa, com uma malinha de madeira e três mudas de roupas e um par de sapatos, para morar no corredor de uma pensão.

Um ano depois, um comerciante de Caratinga convidou Alencar para trabalhar com ele, seria um emprego melhor, mas ficaria mais distante dos pais que moravam em Miraí. José Alencar ainda era menor de idade e seu pai, Antônio,deu a autorização ao filho. E mais uma vez “Zezé” seguiu com sua malinha rumo a “Casa Bonfim”. Com a notória habilidade de comerciante, Alencar ficou conhecido entre os fornecedores da loja de tecidos e resolveu abrir o próprio negócio aos dezoito anos.

Decidido a realizar o sonho de ser dono da própria loja, Alencar pediu um empréstimo ao irmão, Geraldo, que lhe cedeu quinze mil cruzeiros de suas economias. Com a emancipação do pai, Zé Alencar abriu a loja com o nome de “Queimadeira” em um pequeno ponto comercial, com poucas prateleiras. No começo, Alencar conquistava a clientela na base da conversa, mostrando preços mais baixos que os da concorrência.

O tempo passou e com a habilidade de empresário, Alencar viu que precisava mudar de negócio, resolveu, então, vender a loja. Com o dinheiro e a ajuda dos irmãos, abriu o "Armazém do José Alencar", uma loja atacadista. Os negócios cresceram, Zezé investiu em lojas de móveis, fábrica de macarrão e se tornou um dos mais bem sucedidos empresários da indústria têxtil no Brasil.

Alencar, já consolidado como empresário, decidiu se estabilizar como liderança. Fez parte da Associação de Comerciantes, foi presidente em Caratinga, as portas para defender o interesse do povo se abriram a partir daí. Filiou-se ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro e foi candidato a governador em 1994, acabou ficando em terceiro lugar, no primeiro turno. No ano de 1998 entrou com a candidatura para Senador por Minas Gerais, venceu. Anos depois, convidado por Lula, para ser vice-presidente de sua chapa nas eleições presidenciais, aceitou e ocupou o cargo até o fim.

Em 1957, José Alencar se encantou por um par de olhos azuis, olhos de Mariza, sua esposa com quem teve três filhos. Mariza foi companheira até os últimos dias de sua vida, em todas as decisões, em todas as lutas que Alencar enfrentou. A vida toda Alencar teve uma saúde de ferro, mas em 1997 foi descoberto um câncer no rim e foi quando a luta mais fervorosa de José Alencar começou.

O câncer no rim, na próstata, no estomago, todos esses foram superados, até o sarcoma aparecer, em 2006, um tumor raro que se multiplicava rapidamente. Alencar passou por várias cirurgias, quimioterapias, mas o sarcoma venceu e no dia 29 de março de 2011, o homem que lutou pela vida com um sorriso no rosto, encontrou a paz e o descanso.

NOVO JORNALISMO

Muitas vezes as definições de jornalismo literário e *New Jornalism* são confundidas e consideradas como sinônimos. Mas na realidade o "Novo Jornalismo" foi uma fase específica do jornalismo literário, que aconteceu nas décadas de 1960 e 1970 nos EUA. Nesse período surgiram autores como Truman Capote, Norman Mailer, Gay Talese e Tom Wolfe. Os traços marcantes dessa época eram o detalhamento dos fatos, a vida dos personagens e a maneira como as histórias eram contadas.

Nesta fase do *New Jornalism* havia uma necessidade unir as técnicas de apuração jornalística com elementos da literatura, buscando uma maior proximidade com a realidade. Para isso, "os jornalistas da época não se contentavam em interagir por determinados minutos ou horas com seus personagens, mas chegavam a conviver com eles em seus ambientes de moradia, trabalho e lazer." (PESSA, 2009, p.5).

A hibridez do jornalismo e da literatura se deu há muito tempo, mas com a evolução da notícia para a reportagem e posteriormente para o livro-reportagem, o jornalismo literário teve maior visibilidade. Foi no *New Jornalism* que o livro-reportagem tomou destaque. Segundo Lima (2009, p.7) esse fazer jornalístico "pode ser encarada como um subsistema do sistema jornalismo".

O livro que marcou o *New Jornalism* foi "A Sangue Frio", lançado em 1966, escrito por Truman Capote, bateu recorde de vendas. A partir desse momento o livro-reportagem passou a ser conhecido e a ser posto em prática em vários países. No Brasil, o grande impulso para esse tipo de produção, foi na década de 1970, após o lançamento de "A Ilha", de Fernando Morais, que abriu portas para novas produções que mesclam o jornalismo e a literatura.

"Os últimos passos de um vencedor" é classificado como livro-reportagem-biografia, uma variante do livro-reportagem-perfil, como dito. O interessante nesse tipo de livro é "que se explore um pouco do gênero jornalístico denominado perfil, já que este, assim como a biografia, se propõe a traçar o retrato de um personagem.". (PERREIRA, 2007, p.37).

Outras produções já foram feitas anteriormente com grande riqueza de detalhes. Livros reportagens biográficos de grande sucesso, como: "Chatô, o Rei do Brasil", " Olga", "O Mago" de Fernando Morais. Livros que exploram o personagem de forma mais abrangente e aprofundada, assim como fez Burnier no livro que estamos analisando.

ELEMENTOS DA NARRATIVA

O jornalismo e a literatura têm suas especificidades. O primeiro, com um texto considerado superficial e menos denso, está voltado para a não-ficção; a segunda, geralmente com uma construção complexa, é dedicada à ficção e a poesia. Apesar das diferenças, as duas

áreas têm em comum o fato de narrarem histórias. Entende-se por narrativa "um discurso capaz de evocar, através da sucessão temporal e encadeada de fatos, um mundo dado como real ou imaginário, situado num tempo e num espaço determinados". (SODRÉ, 1988, p.75).

Para se contar uma história, cinco elementos são indispensáveis, sem os quais é impossível a construção de uma narrativa, seja ela literária ou jornalística. São eles: enredo, personagem, tempo, espaço e foco narrativo. "Tais elementos de certa forma responderiam às seguintes questões: O que aconteceu? Quem viveu os fatos? Como? Onde? Por quê?" (GANCHO, 2004, p.5).

O enredo é a história em si, o conjunto de fatos que a compõe. Segundo Gancho (2004), é essencial observar duas questões na discussão sobre enredo: sua natureza ficcional e a estrutura. O primeiro quesito tem relação com a lógica do enredo que depende da disposição e apresentação dos elementos na história, porque "a observação da realidade só comunica o sentimento da "verdade", na narrativa, quando todos os elementos desta estão ajustados entre si de maneira adequada, mantendo uma coerência interna" (SALCES, 2005, p.95), esse ajuste resulta na semelhança com o mundo real, ou seja, na verossimilhança.

Já no tocante ao segundo quesito apontado por Gancho (2004), a estrutura, o ponto principal é o conflito, que é definido pela autora como sendo "qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, idéias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor". (2004, P.11). O conflito é, em geral, o determinante na divisão das partes do enredo: exposição (apresentação de fatos iniciais), complicação (desenvolvimento do conflito), clímax (momento de maior tensão) e desfecho (solução do conflito).

O segundo elemento sem o qual a narrativa inexiste é o personagem. Ele é o responsável por toda a ação da história, ou seja, pelo desenrolar da história. Os personagens podem ser classificados a partir de dois parâmetros, o papel desempenhado no enredo e a caracterização. Com relação à função desenvolvida pelo personagem na história, ele pode ser dividido em dois grupos: protagonista (personagem principal), antagonista (se opõe ao principal) e secundário (personagens figurantes na história).

Segundo Gancho (2004), os personagens protagonistas podem ser classificados como herói – protagonista com qualidades elevadas, superiores às dos outros personagens – ou anti-

herói – protagonista com características iguais ou inferiores às dos outros personagens, mas que ocupa a posição de herói da história.

Com relação à caracterização, Gancho (2004) divide os personagens em dois grupos: os personagens planos e os personagens redondos. O primeiro grupo se refere aqueles personagens pouco complexos, que apresentam um número pequeno de atributos. Já os personagens do segundo grupo são, ainda de acordo com Gancho (2004), mais complexos, porque apresentam uma variedade grande de características que podem ser físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais.

Outro elemento essencial à construção da narrativa é o tempo, é nele que os fatos se desenrolam e se sucedem sequencialmente. O tempo pode ser pensado de algumas formas. Gancho (2004) sugere quatro classificações para análise: tempo histórico (contempla todos os acontecimentos da narrativa), tempo da duração da história, tempo cronológico (transcorre na ordem natural dos fatos), tempo psicológico (não ocorre na ordem natural dos fatos).

O espaço é o local onde se dão as ações narradas, é a definição física deste. Este elemento tem como principais funções "situar as ações dos personagens e estabelecer com eles uma interação, quer influenciando suas atitudes, pensamentos ou emoções, quer sofrendo eventuais transformações provocadas pelos personagens" (GANCHO, 2004, p. 23).

Espaço não pode ser confundido com ambiente. O primeiro dá conta apenas de características físicas apresentadas na narrativa, já o segundo consegue abarcar características sociais, econômicas, morais e psicológicas. Segundo Gancho (2004), o ambiente desenvolve quatro funções na narrativa: situa os personagens nas condições em que vivem, pode ser a concretização dos conflitos vividos pelos personagens e estabelece conflito com estes e, por fim, fornece índices para o andamento do enredo.

Por fim, mas não menos importante, Gancho (2004) cita o foco narrativo como elemento essencial à constituição da narrativa, porque "não existe narrativa sem narrador, pois ele é o elemento estruturador da história". (p.26). O foco narrativo é a função do narrador na narrativa, ou seja, é o ângulo adotado por quem conta a história para expor os fatos. Os dois tipos básicos de narrador são: primeira pessoa e terceira pessoa.

> Consideraremos que o narrador pode apresentar-se como um elemento não envolvido na história, portanto uma verdadeira câmera, ou como uma personagem envolvida direta ou indiretamente com os acontecimentos

> narrados. De acordo com a postura desse narrador, ele funcionará como um ponto de vista capaz de caracterizar as personagens. (BRAIT, 2002, p.53)

O narrador em terceira pessoa encontra-se fora dos fatos narrados, o que garante maior noção de imparcialidade à narrativa. Este tipo de narrador tem como principais características a onisciência e a onipresença, ou seja, ele sabe tudo sobre a história e está em todos os lugares onde ela acontece. O narrado em terceira pessoa tem ainda duas variantes indicadas por Gancho (2004) que são: narrador 'intruso' – fala com o leitor e julga o personagem – e narrador 'parcial' – se identifica com um personagem e lhe concede mais espaço na história.

O narrador em primeira pessoa, também chamado de narrador personagem, participa ativamente do enredo, o que o torna parcial. O fato de ser um personagem da história faz com que este tipo de narrador não saiba de tudo sobre a história, tampouco esteja em todos os lugares da narrativa, isso limita, segundo Gancho (2004), seu campo de visão.

Este narrador pode ser classificado como testemunha, ou seja, "um 'eu' já interno à narrativa, que vive os acontecimentos aí descritos como personagem secundária que pode observar, desde dentro, os acontecimentos, e, portanto, dá-los ao leitor de modo mais direto, mais verossímil". (CHIAPINNI, ano, p. 37). Outra classificação possível é a de narrador protagonista que, como a denominação já esclarece, é o personagem central da história.

FOCO NARRATIVO EM "ÚLTIMOS PASSOS DE UM VENCEDOR"

A literatura e o jornalismo, enquanto narrativas, mostram elementos fundamentais à construção de uma história. Segundo Ganho (2004), esse elementos são: cinco: enredo, tempo, espaço, personagem e narrador. Toda história precisa de acontecimentos para ser contada por um alguém (narrador) , segundo Pinna (2006) , "uma vez que é ele que transmite a estória, fazendo a mediação entre esta e o ouvinte, leitor ou espectador" (p. 138). Os personagens, o tempo, o espaço e os fatos são todos organizados pelo narrador que faz a ligação entre a história e o leitor. (GANCHO, 2004, p. 7)

"Os últimos passos de um vencedor" é a história de José Alencar contada com intimidade por alguém que conheceu a fundo as histórias do ex-vice-presidente. José Burnier fala com propriedade dos últimos momentos de Alencar no hospital e deixa evidente sua intenção de revelar o quão difícil foi para ele dar a notícia da morte do político.

> O normal seria eu comemorar ao final do plantão. Mas, pela primeira vez, o feito jornalístico deu lugar à tristeza. Uma senhora que estava ao lado me disse: "Sei quanto deve ter sido difícil para você dar essa notícia [...] Agradeci, olhei para o hospital e suspirei. "Acabou", disse a mim mesmo. (BURNIER, 2011, p.26)

Aqui identificamos sumariamente a presença do narrador-testemunha, ou seja, o narrador que presenciou a cena, esteve no local do acontecimento e conta o que viu e sentiu.

> Perto do meio-dia, os olhos estavam mais voltados para os monitores do que para Alencar. Os meus, inclusive. Havia um instalado do lado de fora do boxe 27 da UTI, onde eu estava junto com os enfermeiros. Vi e me angustiei. A pressão estava cinco por três, ou seja, o coração estava parando. Saí com um nó na garganta. (BURNIER, 2011, p.22,23)

> Não demorou e a enfermeira nos interrompeu. Era hora de almoçar. Recusei o convite, mas o acompanhei até a copa. À mesa, salada farta com frutas e um bife duplo, alto, a cavalo, com dois ovos fritos malpassados. Fiquei até com fome só de ver a disposição de Alencar avançando sobre o prato. Comeu avidamente, como se estivesse são e salvo. Para completar o "banquete", cortou duas laranjas e as devorou. Brinquei com ele. "Quem está doente não come desse jeito, presidente. Acho que o senhor está nos enganando." (BURNIER, 2011, p.65)

Este tipo de narrador não é onisciente, nem onipresente. Ele só pode narrar acontecimentos dos quais participou ou lhe relataram, isso implica numa redução do seu campo de visão.

> Como personagem secundária, ele narra da periferia dos acontecimentos, não consegue saber o que se passa na cabeça dos outros, apenas pode inferir, lançar hipóteses, servindo-se também de informações, de coisas que viu ou ouviu, e, até mesmo, de cartas ou outros documentos secretos que tenham ido cair em suas mãos. (CHIAPPINI, ano, p. 37,38)

Outra classificação apontada por Chiappini de narrador, e notada no livro "Os Últimos passos de um vencedor" é o narrador onisciente intruso, aquele em que o autor tem a liberdade de escrever usando suas próprias palavras. Segundo Chiappini (1985, p. 27) o traço característico são os "seus comentários sobre a vida, os costumes, os caracteres, a moral, que podem ou não estar entrosados com a história narrada." O trecho abaixo exemplifica isso:

> Eu quase não consigo terminar de ler. Desde o meio do texto, Alencar já enxugava as lágrimas. O conteúdo daquelas frases funcionou como uma

> catarse para "o predileto de Deus". Ali, em algumas folhas, viu resumida sua gana por viver, por ver o dia seguinte. Viu resumidas sua relutância e sua teimosia. Viu resumido o inconformismo que fora reservado para o seu destino. O que eu vi naquele momento foi muito triste. Um homem de idade, fraco, pálido, cansado, com os olhos vagando desesperadamente atrás de uma saída, de uma solução. Ele, que sempre as encontrou, dessa vez não viu que não dependia só de sua vontade. Apesar de ser turrão com Deus, Alencar jamais reclamou de viva voz de seus problemas. (BURNIER, 2011, p.176)

Como narrador intruso, o autor usa de adjetivação para delinear um perfil do personagem. Esse uso de adjetivos pode ser observado nesse trecho em que Burnier fala sobre Alencar (2011): "Sempre muito sério, dedicado, observador". (p. 117). Mostrando também a intimidade que o autor adquiriu com o biografado no período da pesquisa.

Em alguns fragmentos do livro, Burnier explora as percepções que tinha com relação a José Alencar, julgando o comportamento do personagem:

> Alencar separava as palavras e as frases. A respiração mostrava que ele se cansava sem esforço. (...) O recado era claro. Quem quisesse levá-lo ia ter que suar muito mais do que a camisa... Aquele homem não ficava com a cabeça presa no problema, mas na solução. Ele dedicava toda a sua energia para resolver em vez de lamentar. Trocava ansiedade por solução. (BURNIER, 2011, p. 51)

Outro trecho que deixa claro a onisciência intrusa do narrador em "Os últimos passos de um vencedor" é quando o autor descreve uma reunião de Alencar:

> No início ele relutou. Depois acabou convencido. Chegaram ao escritório às duas e meia da tarde. Trabalho para Alencar era vitamina na veia. Dez dias depois de uma cirurgia complexa, o homem aguentou até o fim. Passou a tarde discutindo com os técnicos e, ainda por cima, tomando café – um delicioso aditivo para o cérebro, mas um veneno para o estômago. Às oito e meia da noite, ele deu a palavra final sobre os equipamentos eletromecânicos e foi embora. Até hoje, a usina é considerada a mais econômica e a mais bem contratada da história da empresa energética. (BURNIER, 2011, pág. 30)

Nesse caso, o narrador descreve a reunião com várias inferências sobre o protagonista, como, por exemplo, no trecho "trabalho para Alencar era vitamina na veia" ou "e, ainda por cima, tomando café", dois comentários que reforçam a imagem de homem forte do vice-presidente. Este é um exemplo claro de onisciência intrusa, aquele narrador que "tudo

comenta, analisa e critica, sem nenhuma naturalidade [...] provavelmente de cima, dominando tudo e todos, até mesmo puxando com pleno domínio as nossas reações de leitores e driblando-nos o tempo todo." (CHIAPPINI, 1985, P. 29)

Outro elemento encontrado é o narrador câmera, em que o autor seleciona e escreve sobre o seu ponto de vista. Segundo Chiappini (1985, p.60) assim como uma câmera de cinema o narrador mostra "o ponto de vista centrado numa ou várias personagens. O que pode acontecer é que se queira dar a impressão de neutralidade.". Isso acontece como no exemplo abaixo:

> Seu Antônio abriu um armazém num barracão de esquina que ficava próxima do inferninho de Murié, a zona boêmia. Zezé ajudava o pai fazendo as entregas numa carrocinha. Estudava de manhã no Colégio Edmundo Germano e, quando não tinha serviço, brincava na rua. (BURNIER, 2011, p. 102).

Outra passagem que exemplifica a adoção da posição de câmera pelo narrador é:

> O dia de Zezé começava cedo, às seis da manhã. Tomava café adoçado com rapadura. Leite de vaca ninguém tinha o direito de tomar porque era caro. A exceção era o irmão Toninho, que tinha anemia e precisava de leite enriquecido com ferro. Zezé era o encarregado de buscar, todo santo dia, na primeira hora, o leite na fazenda do seu Américo Laureano. (BURNIER, 2011, p.87)

"A composição do espaço, o desenho do ambiente, a caracterização da postura física da personagem... [...] O escritor habilidoso encontra formas de acoplar recursos à narrativa em terceira pessoa de modo a tornar suas criaturas verossímeis." (BRAIT, ANO, p.55, 56). Neste caso, Burnier lançou mão de detalhes, como a hora em que o dia de Alencar começava e como ele adoçava o café, a fim de dar mais sentido de real à narrativa, para torna-la verossímel.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No mundo ocidental, a morte, mesmo sendo um evento tido como certo a todo ser, ainda é um evento que choca e causa comoção. No caso da morte de José Alencar, esse enternecimento foi geral, porque a luta do ex-vice-presidente tornou-se pública e cada batalha enfrentada pelo político era acompanhada com apreensão pela maior parte dos brasileiros.

Agora, se a morte de José Alencar abalou sentimentalmente grande parte dos brasileiros que só o conhecia pela televisão, imagina-se o quão difícil foi para José Roberto Burnier noticiá-la, ele que conviveu tão intensamente nos últimos cinco anos de vida do vice-presidente. No livro "Os últimos passos de um vencedor", Burnier não esconde esse sentimento e mais: revela a corrida que enfrentou para conseguir registrar a história de Alencar.

Para transmitir toda essa emoção, Burnier lança mão da narração em primeira pessoa em vários trechos, como narrador testemunha. Ele se coloca na cena narrada e conta o que viu, ouviu e sentiu em alguns momentos cruciais, e outros de descontração, de José Alencar. No entanto, ao longo do livro, o narrador adota outras posturas frente às situações narradas, variando o foco narrativo.

Em alguns momentos o narrador é um 'olho' que está acima de todos, consegue acessar todos os ambientes e, às vezes, até o pensamento das personagens, deduzindo fatos a partir disso. Este é o narrador onisciente intruso. Em outras ocasiões, o narrador se comportou como uma câmera, buscando a neutralidade frente à história, narrando os acontecimentos sem fazer inferências.

Assim, percebe-se uma variedade de focos narrativos na construção do texto de "Os últimos passos de um vencedor", adequando-se à fase da história de José Alencar que é narrado. Logo, foram localizados exemplos de narrador testemunha, onisciente neutro e câmera. Vale ressaltar, que os focos narrativos não se mistura, permitindo perfeita compreensão do texto por parte do leitor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRETTA, Cyntia Belgini. **Jornalismo busca humanização na literatura.** Disponível em: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie/art_05.php. Acesso em: 17/12/2012

BURNIER, José Roberto. **Os últimos passos de um vencedor**: Entre a vida e a morte, o José Alencar que conheci. São Paulo: Globo, 2011.

CHIAPPINI, Ligia. **O Foco Narrativo**. São Paulo: Ática, 2009.

GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo, Ática, 2004. (Série Princípios)

LIMA, Edvaldo P. Fronteiras Ampliadas um Território em Conformação. In_____. **Páginas Ampliadas: O Livro-reportagem como extensão do Jornalismo e da Literatura**. Barueri, São Paulo: Manole, 2009.

PERREIRA, Lindjane dos Santos. **A biografia no âmbito do jornalismo literário:** Análise comparativa das biografias: Olga, de Fernando Morais e Anayde Beiriz, paixão e morte na Revolução de 30, de José Joffily. 2007. Monografia (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

PESSA, Bruno Ravanelli. **Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações.** Regiocom, Universidade Metodista de São Paulo, 2009. Disponível em: http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGIOCOM%2034%20%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20%C3%A9_%20para%20qu%C3%AA%20-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf. Acesso em 16/12/2012.

PINNA, Daniel Moreira de Sousa**.** Elementos da Narrativa In_____. **Animadas Personagens Brasileiras: A linguagem visual das personagens do cinema de animação contemporâneo brasileiro.** 2006. Dissertação (Mestrado em Artes) - Pontifica Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. p. 138 – 174.

SALCES, Claudia Dourado de. **A verossimilhança na narrativa:** Uma questão de coerência. Disponível em: http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/9/8. Acessado em 17/12/2012.

SODRÉ, Muniz. **Best-Seller: a Literatura de Mercado.** Série Princípios. São Paulo, Editora Ática: 1988.